



*Reflexões sobre as noções de leitor,  
autor e polifonia no hipertexto*

DÓRIS DE ARRUDA C. DA CUNHA

Universidade Federal de Pernambuco

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

RESUMEN. Los analistas del discurso pueden contribuir a la reflexión sobre algunas cuestiones suscitadas por los estudiosos de otras áreas acerca del hipertexto. En este artículo, a partir de la discusión hecha por algunos de esos autores, discuto las nociones de polifonía, lector y autor en el hipertexto. Inicialmente, presento el cuadro teórico en el que situo mis trabajos, o sea, el lugar desde donde voy a hablar. A continuación, retomo algunos estudios sobre el hipertexto, lector y autor, para discutir esas posiciones.

PALABRAS CLAVE: *Hipertexto, autor, lector, polifonía, plurivocalidad.*

RESUMO. Os analistas do discurso podem contribuir para reflexão sobre algumas questões levantadas pelos estudiosos de outras áreas sobre o hipertexto. Neste artigo, a partir da discussão feita por alguns desses autores, discuto as noções de polifonia, leitor e autor no hipertexto. Inicialmente, apresento o quadro teórico em que situo meus trabalhos, ou seja, o lugar de onde eu vou falar. Na sequência, retomo alguns estudos sobre o hipertexto, leitor e autor, para discutir essas posições.

PALAVRAS-CHAVE: *Hipertexto, autor, leitor, polifonia, plurivocalidade.*

ABSTRACT. The discourse analysts can give a relevant contribution to the reflection of questions raised by thinkers in other areas regarding the hypertext. In this article, from the discussion of these authors I discuss the notions of polyphony, reader, and author in the hypertext. I initially present a theoretical framework in which I situate the standpoint from which the hypertext will be analysed. Following from that, studies and discussions surrounding hypertext, reader, and author are raised in order to discuss these positions.

KEY WORDS: *Hypertext, author, reader, polyphony, plurivocality.*

## Introdução

O advento do hipertexto trouxe um novo campo de estudos para especialistas de diversas áreas –Linguística, Comunicação Social, Psicologia e Informática. Nesse campo, os analistas do discurso podem contribuir para reflexão sobre algumas questões postuladas pelos estudiosos de outras áreas e não como especialistas do hipertexto, do mundo virtual, ou da *cibercultura*. É o que gostaria de fazer neste artigo, a partir da discussão feita por alguns autores sobre autoria e polifonia no hipertexto.

Inicialmente, apresento o quadro teórico em que situo meus trabalhos, ou seja, o lugar de onde eu vou falar. Na seqüência, apresentarei alguns estudos sobre o hipertexto e autor, para discutir posições referentes à autoria ou co-autoria no hipertexto.

### 1. *Ponto de partida teórico: a teoria dialógica do discurso*<sup>1</sup>

Minha reflexão ancora-se nas proposições teóricas de Bakhtin e Volochinov (1995), que consideram os discursos como acontecimentos, produzidos em uma enunciação dialógica única, singular, histórica, como respostas de locutores confrontados a necessidades de comunicação específicas. São acontecimentos uma vez que constituem lugares de criação de sentido. A referência a Bakhtin aqui é obrigatória, já que é dele a concepção de leitor e autor na qual me apóio.

O princípio dialógico, a alteridade –constitutiva do ser–, o caráter plural da linguagem, as vozes sociais enquanto posicionamentos axiológicos, a polifonia, polissemia e a saturação semântica das palavras da língua, carregadas de conteúdos axiológicos, são alguns temas da teoria que abriram um campo produtivo para os estudos do discurso.

Bakhtin coloca a enunciação dialógica no centro das relações interdiscursivas e observa o enunciado no contexto imediato e na sua história. O *dialogismo*, embora o autor não apresente uma definição unívoca, pode ser compreendido, como a presença do outro em todas as produções verbais, como as relações que todo enunciado mantém com os enunciados que o precederam e com os que o sucederem na “cadeia ininterrupta da comunicação verbal”; e como a orientação para o discurso do interlocutor, ou seja, todo discurso é sempre dirigido, trazendo respostas às possíveis questões, críticas, contraposições do interlocutor, seja ele real ou virtual. O que significa que o enunciador não é a única fonte do enunciado nem do sentido: toda enunciação por mais significativa e completa que seja é apenas “um elo na cadeia da comunicação discursiva” (Bakhtin, 2003:229).

Convém lembrar que Bakhtin utiliza o adjetivo dialógico para caracterizar os termos *relação, orientação, fios* que constituem o enunciado: “um enunciado vivo, significativamente surgido em um momento histórico e em um

meio social determinados, não pode deixar de se relacionar com os milhares de fios dialógicos vivos, tecidos pela consciência sócio-ideológica em torno do objeto de tal enunciado e de participar ativamente do diálogo social. De resto, é dele que o enunciado se origina: ele é como a sua continuação, sua réplica, ele não aborda o objeto chegando de não se sabe de onde.” (Bakhtin, 1993:86). Pode-se ainda apreender em seus textos uma pluralidade de sentidos, ligados aos fenômenos de “abertura para”, “de relação com” pelos quais ele se manifesta. Comporta também outras dimensões, ligadas à condição humana e à heterogeneidade fundamental do sujeito, que para Bakhtin, é aquele que se constitui na e pela linguagem na interação, um sujeito ativo, inacabado e heterogêneo.

A concepção dialógica da produção do discurso *hic et nunc* e do seu sentido, a partir de outros discursos é dinâmica e não acidental, é “uma lei do discurso humano real, forçado a se produzir no ‘já-dito’”, conforme as palavras de Authier-Revuz (1995). Entre o sujeito e seu objeto, há o discurso de outrem com o qual ele não pode deixar de entrar em interação: “em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar com ele, de uma interação viva e tensa.” (Bakhtin, 1993:88).

Resumindo, o princípio dialógico explica as grandes opções da teoria bakhtiniana –o social, o diálogo, a ideologia, a diversidade, a heterogeneidade, o inesperado, o não oficial, as forças centrífugas, a pluralidade da linguagem, do homem como ser de diálogo que se posiciona com relação ao mundo, a outrem, a ele mesmo e ao próprio discurso.

Nessa perspectiva, a linguagem ou discurso é o objeto de estudo e se caracteriza pela diversidade, em oposição à língua concebida como sistema pela lingüística estrutural e como código pela teoria da comunicação. Essa diversidade se manifesta “na multiplicidade de semiologias, dos modos de significar nos quais a linguagem se manifesta, diversidade dos atos de linguagem, daquilo que ela pode fazer, em função das condições de interlocução” (François, 1993, XVIII). Há uma relação inextricável entre diálogo e sentido. Vale lembrar que Bakhtin e Volochinov distinguem dois estágios na capacidade lingüística de significar: o *estágio inferior da capacidade de significar*, no sistema da língua, em que a palavra tem apenas uma significação potencial; *estágio superior real da capacidade de significar* na enunciação concreta, como fenômeno histórico. O sentido não está na palavra, nem na alma dos interlocutores, mas é “o efeito da *interação do locutor e do receptor produzido através do material de um determinado complexo sonoro*” (Bakhtin/Volochinov, 1995: 132). Dessa forma, concebem a compreensão como uma atividade que faz o ouvinte/leitor apreender o sentido, orientar-se em relação à enunciação e colocá-la em relação com as nossas palavras, formando a réplica.

## 2. A noção de hipertexto

O termo *hipertexto* surgiu nos anos sessenta, criado por Theodore Nelson para “expressir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática” (Lévy, 1993:29). De acordo com Lévy, o sonho de Nelson era construir uma imensa rede acessível em tempo real, contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo. A idéia era de uma enorme biblioteca, mas com uma grande diferença: todos poderiam utilizar essa rede para escrever, se interconectar, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis nesse espaço, anotar os comentários, etc. Embora inúmeros hipertextos já tenham sido elaborados, ainda não se chegou a amplitude imaginada por Nelson e outros pioneiros como Vannevar Bush.

Lévy define o hipertexto tecnicamente e funcionalmente. “Tecnicamente, é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, seqüências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos serem hipertextos”. Trata-se de itens de informações ligados não de forma linear como no texto impresso, mas com conexões em forma de estrelas. Do ponto de vista funcional, “o hipertexto é um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, a aquisição de informações e a comunicação” (Lévy, 1993: 33).

Lévy (1993:25-26) caracteriza o hipertexto através de seis princípios abstratos:

1. Princípio da metamorfose: a rede hipertextual está em constante construção e renegociação, na sua extensão, a composição e o desenho.
2. Princípio da heterogeneidade: os nós e conexões da rede são heterogêneos, permitindo conexões com imagens, sons, palavras, etc.
3. Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas: qualquer nó ou conexão pode ser composto por uma rede e isso indefinidamente.
4. Princípio de exterioridade: como não possui unidade orgânica, o crescimento, a diminuição, a composição e recomposição da rede dependem de um exterior indeterminado: adição de novos elementos, de conexões a outras redes, etc.
5. Princípio de topologia: o hipertexto funciona por proximidade, tudo é uma questão de caminhos.
6. Princípio de mobilidade dos centros: a rede não tem um centro, todas as escolhas são passageiras.

Marcuschi (1999) apresenta oito características do hipertexto: fragmentaridade (possibilidade de ligação de porções breves, com possibilidades de retorno e de fugas); interatividade (relação contínua do leitor-navegador com os autores do hipertexto); interatividade (diz respeito à natureza intertextual). As demais estão contempladas nos princípios de Lévy.

A principal característica do hipertexto é, portanto, para muitos estudiosos, a não-linearidade, em contraposição ao caráter linear do texto impresso. Contudo, esse traço, aponta Lévy, foi tomado de empréstimo de outras mídias: a impressão representou a invenção de dispositivos lógicos, classificatórios e espaciais interligados no interior de uma estrutura: sumários, índices, notas, capítulos, referências cruzadas. A biblioteca moderna, surgida no século XVIII, é considerada pelo autor um tipo de megadocumento, com uma sinalização, que permite encontrar facilmente aquilo que se procura. E os jornais e revistas constituem também um espaço em que se podem recolher informações de acordo com o interesse de cada um. A diferença entre jornais e revistas é que tudo é dado ao leitor num espaço visual que o sobrevôo permite abarcar, enquanto no hipertexto tem-se um pacote, com poucas informações, diretamente colocadas na superfície. Dessa forma, o hipertexto não criou a leitura não linear, já que nos textos impressos as notas de rodapé e as remissões aos anexos quebram a seqüencialidade; e a enciclopédia com suas remissões de um artigo a outro, um esquema, um mapa, constituem agenciamentos para leitura não linear. A particularidade do hipertexto é seu aspecto dinâmico e multimídia. A velocidade, a quase instantaneidade da passagem de um nó para outro permite utilizar em toda a sua extensão o princípio da não-linearidade, segundo Lévy (1993).

Essa nova tecnologia trouxe à tona algumas discussões. A primeira é sobre a filosofia do conhecimento e sobre as divisões do ser. Mas essa é uma temática para os filósofos e nela não vamos nos deter. A segunda discussão concerne às noções de centralidade tópica, coerência, referenciação, autor e leitor. Para Marcuschi (1999), com o advento do hipertexto, mudam as noções de autor e leitor e tem-se a impressão de uma autoria coletiva ou de uma espécie de co-autoria. O escritor do hipertexto produz previsões para as ligações entre os segmentos, que são possibilidades oferecidas para os hipernavegadores. Cada leitor escolhe um caminho a ser percorrido no ciberespaço, de acordo com seus interesses, objetivos, conhecimentos partilhados: dois leitores navegadores dificilmente farão o mesmo caminho, já que o autor do hipertexto oferece uma multiplicidade de caminhos a seguir. Segundo Jonhson-Eilola (1994:216, *apud* Marcuschi 2001), o hipertexto seria um meio de dar voz aos silenciados, mesclando as posições de autor e leitor.

A noção de co-autoria ou de produção colaborativa, nessa perspectiva, não se deve apenas à possibilidade de diferentes escolhas de leitura, mas a de interferências *on line*, de acordo com a categoria de hipertexto. Michael Joyce (*apud* Marcuschi, 2000) distingue:

- a) o hipertexto *exploratório* mantém a autoria original, mas encoraja e permite aos navegadores criarem suas próprias seqüências, sendo programado para leitores e exploradores de conhecimento. Nesse caso, não é o navegador que segue as instruções de leitura e se desloca no

hipertexto, mas há um texto móvel oferecendo leituras múltiplas ao leitor.

- b) O hipertexto *construtivo* abre espaço para o navegador agir, recriar, acrescentar personagens no caso de uma narrativa, adicionar novas ligações, possibilitando o controle do usuário, previsto pelo autor do hipertexto como um operador-escritor, que produz seu próprio corpo de conhecimentos. Aqui o navegador pode se fazer autor participando da estruturação do hipertexto, acrescentando ou modificando nós. Escrita e leitura trocam os seus papéis como na *World Wide Web*.

Antes de discutir a idéia da co-autoria no hipertexto, faz-se necessário definir leitor e autor.

### 3. *Conceitos de leitor e autor*

Não discutirei muitas concepções de leitor, mas duas que embora distintas do ponto de vista das teorias que as embasam, me parecem suficientes para nosso propósito. Na perspectiva dialógica, como visto acima, a compreensão é uma forma de diálogo, enunciação de uma *contrapalavra*, que “completa, que ultrapassa os limites da coisa compreendida, etc. /.../ Compreensão da língua e compreensão do enunciado (que implica uma *responsividade*, e, por conseguinte, um juízo de valor)” (Bakhtin, 1993: 351-352). O leitor só espera a oportunidade para se manifestar, como diz Jakubinski (1923, apud Kyheng, (2003)<sup>2</sup> .

Numa perspectiva pragmática, ou da estética da recepção, Eco, em 1979 (1985:61), definiu o *leitor modelo*<sup>3</sup>, aquele previsto pelo autor, cuja cooperação seria a condição de atualização do texto. É importante lembrar que o texto é concebido por ele, com base em Ducrot, como um artefato incompleto, um tecido de não-dito, requerendo movimentos cooperativos, ativos e conscientes do leitor.

Para Eco, o leitor tira do texto o que ele não diz, mas pressupõe, sendo a natureza da escrita originária modificada pela leitura. Isso significa que o sentido do texto não preexiste à leitura, mas é atualizado na leitura, durante a qual se relaciona o texto ao contexto em que se dá a interação, a outros textos, a imagens, discursos alheios, afetos, desejos, etc. O papel do leitor é ativo em todos os casos: duas pessoas não atribuem nunca exatamente o mesmo sentido ao texto impresso, assim como dois leitores de hipertextos não fazem os mesmo caminhos.

Os processos de compreensão e leitura do hipertexto não diferem dos de qualquer texto impresso. A particularidade do hipertexto, como já dito, é seu aspecto dinâmico e multimídia. A velocidade, a quase instantaneidade da passagem de um nó para outro permite utilizar em toda a sua extensão o princípio da não-linearidade, segundo Lévy (1993). Ou seja, o enunciado-resposta pode ser imediato no hipertexto construtivo.

Com relação à autoria, é necessário definir de que autor se fala. Ao se postular a co-autoria no hipertexto, não se pode decretar a morte do autor, como fizeram alguns teóricos do estruturalismo no final dos anos 60. Nesse contexto, a escritura teria se libertado do tema da expressão e era referida a ela mesma, como abertura de um espaço onde o sujeito escrevente desaparecia.

Segundo Goldman (apud Foucault, 1969), o estruturalismo não-genético (de Barthes, Lévi-Strauss, Althusser, Derrida, Foucault) negava o sujeito e o substituía por estruturas (lingüísticas, mentais, sociais, etc.). O estruturalismo genético recusava também, na dimensão histórica e na dimensão cultural, o sujeito individual; essa última corrente não suprimia a idéia de sujeito, mas o substituía pela de sujeito transindividual; toda a atividade psíquica e todo comportamento do sujeito eram considerados estruturados e significativos. A idéia de um indivíduo enquanto autor último de um texto era insustentável. Na visão de Goldman, Racine não seria o único e verdadeiro autor das suas tragédias, mas o autor era a nobreza, o grupo jansenista e no interior dele, Racine.

Nesse contexto, Foucault (1969:82) discutiu a função autor, e os lugares onde se exerce essa função. Em primeiro lugar está o “nome do autor que não é simplesmente um elemento num discurso, [...] ele assegura uma função classificatória; [...] permite agrupar um certo número de textos, delimitá-los, excluir alguns, opô-los a outros”. O nome do autor, nas palavras de Foucault, manifesta o evento de certo número de discursos, e se refere ao status deste discurso no interior de uma sociedade e no interior de uma cultura. Poder-se-ia dizer, conseqüentemente, que há numa civilização como a nossa um certo número de discursos que são providos da função-autor enquanto outros são desprovidos dela.

O discurso que se caracteriza pela função autor tem, entre outras características apontadas por Foucault, a de ser objeto de apropriação. Os textos, os livros, os discursos começaram a ter realmente autores na medida em que eles podiam ser punidos, no fim do século XVIII e início do XIX, quando foi instaurado um regime de propriedade para os textos e foram editadas regras sobre o direito do autor, as relações autor-editor, os direitos de reprodução. Vê-se que a forma de propriedade está ligada ao sistema jurídico e institucional.

Para Foucault (1969), o autor se encontra numa posição “transdiscursiva”: isso significa que na ordem do discurso, pode-se ser autor de mais de um livro –de uma teoria, de uma tradição, de uma disciplina na qual outros autores vão poder ocupar um lugar. Isso significa que os autores produziram alguma coisa a mais: a possibilidade e a regra de formação de outros textos. São instauradores de discursividade.

É possível ver o problema da autoria no âmbito jurídico. Fotos e músicas apresentam problemas específicos de identidade. Na Europa, antes de cair no domínio público, o direito dos autores é de 70 anos após a morte, sem consi-

derar os anos de guerra e defendido pelo editor a quem este direito é concedido.

#### 4. *Para concluir*

O hipertexto não tem editor para defendê-lo, a *Web* sendo de domínio público. Mas não é nesse âmbito que se discute a co-autoria no hipertexto. Na verdade, quando se postula a co-autoria no hipertexto, é a construção coletiva do texto que, mais do que nunca, está em jogo. O hipertexto coloca em cena de maneira evidente a plurivocalidade<sup>4</sup>, ou seja, a pluralidade de vozes no mesmo espaço discursivo. O hipertexto *construtivo* seria na visão de Marcuschi (1999a) “a apoteose da intertextualidade” e da polifonia, uma vez que abre espaço para um número ilimitado de leitores-autores. Vale salientar, contudo, que esses caminhos só podem ser feitos se previstos pelo autor do hipertexto.

Na perspectiva dialógica sucintamente discutida acima,

todo texto tem um sujeito, um autor (que fala, escreve). Formas, aspectos e subaspectos que o ato do autor pode assumir. O estudo lingüístico pode, até certo ponto, abstrair-se completamente da autoria. Análise de um texto tomado como *modelo* (modelo de raciocínio, de silogismo na lógica, de oração na gramática, de ‘comutação’ na lingüística, etc.). Os textos imaginários (textos modelos e outros). Os textos construídos (com finalidades de experimentação lingüística ou estilística, ou outras). Em todos estes casos, temos tipos particulares de autores –inventores de exemplos, experimentadores com sua responsabilidade específica de autor (temos também um segundo sujeito: aquele que poderia expressar-se assim). (Bakhtin, 1997a: 331)

A introdução de diferentes vozes no discurso ou a abertura de um espaço para outros sujeitos não significa, portanto, polifonia. Podem-se resumir as questões aqui levantadas nos seguintes termos: o leitor do hipertexto construtivo tem um espaço para se exprimir-se num texto em que a heterogeneidade enunciativa é marcada, ou, como diz Marcuschi, explicitamente coletivo, mas plurivocal. Isso porque por trás dessa escritura eletrônica que é o hipertexto, não há máquinas que produzem textos, nem línguas sem sujeitos. Há ainda um sujeito-autor que abre os espaços para os leitores **nos pontos em que ele determina**, sendo, portanto, o responsável pela plurivocalidade.

#### NOTAS

- 1 Considero com Brait (2006:9) que “o conjunto das obras do *Círculo (de Bakhtin)* motivou o nascimento de uma análise/teoria dialógica do discurso”.
- 2 “numa reunião, vê-se a tendência dialógica a replicar; esta réplica se exprime no discurso interior que acompanha a escuta da exposição; ela é frequentemente fixa-

- da em anotações; a discussão subsequente é apenas a expressão sistematizada e fragmentária da replicação interior, acompanhando a percepção do monólogo”. / .../ a escuta, sobretudo quando ela era realmente atenta se transformava constantemente em interrupção do conferencista. /.../ mesmo se a pessoa se calava, via-se no seu rosto o desejo de falar; as vezes ela começa – seus lábios já se mexem – mas ela retém com esforço seu élan natural e fica em silêncio; às vezes os que se calam trocam olhares e fazem mímicas escutando o outro; às vezes começam a sussurrar alguma coisa a tal ponto a palavra está na ponta da língua”. (Iakubinskii, 1923, apud Kyheng, (2003).
- 3 Não se pode esquecer que o sujeito em Bakhtin e Volochinov é concreto, histórico, como a língua e a enunciação.
  - 4 O que muitos autores chamam de polifonia, fazendo menção a Bakhtin No entanto, para o autor russo, “a *multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes\* constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski*. Não é a multiplicidade de caracteres e destinos que, em um mundo objetivo uno, à luz da consciência uma do autor, se desenvolve nos seus romances; é precisamente a *multiplicidade de consciências eqüipolentes\*\* e seus mundos* que aqui se combinam numa unidade de acontecimento, mantendo a sua imiscibilidade”. Bakhtin (1993: 5).

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- AUTHIER-REVUZ, J. (1995). *Ces mots qui ne vont pas de soi - boucles reflexives et non-coïncidences du dire*. Paris: Larousse.
- Bakhtin, M. (1993). *Questões de Estética e de Literatura*. São Paulo: UNESP / Hucitec, 3ª ed.
- BAKHTIN, M. (1997a). *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed.
- BAKHTIN, M. (1997b). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 2ª. ed.
- BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV, V. N. ([1929] 1995). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Ed. Hucitec, 7ª ed.
- BRAIT, B. (2006) (org.). *Bakhtin – outros conceitos-chave*. São Paulo : Contexto.
- CUNHA, D. A. C. (1992). *Discours rapporté et circulation de la parole*. Leuven/ Louvain-la-Neuve: Peeters/Louvain-la-Neuve.
- CUNHA, D. A. C. ([2005] 2006). ‘Dialogismo em Bakhtin e Iakubinskii’, *Investigações. Lingüística e Teoria Literária*. 18 (2): 103-114.
- ECO, U. (1985). *Lector in fabula*. Paris: Grasset.
- FRANÇOIS, F. (1993). *Pratiques de l’oral*. Paris: Nathan.
- FOUCAULT, M. (1969). ‘O que é um autor?’, *Boletim da Sociedade Francesa de filosofia: seção do dia 22/02/1969*.
- FOUCAULT, M. (1971). *L’ordre du discours*. Paris: Gallimard.
- KYHENG, R. M. (2003). ‘Aux origines du principe dialogique: l’étude de Jakubinskij: une présentation critique’. Edition électronique. [http://www.revue-texto.net/Inedit/Kyheng/Kyheng\\_Jakubinskij.html](http://www.revue-texto.net/Inedit/Kyheng/Kyheng_Jakubinskij.html)

- LÉVY, P. (1996). *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34.
- LÉVY, P. (1993). *As tecnologias da inteligência – o futuro do pensamento na era da informática*. São Paulo: Editora 34.
- MARCUSCHI, L.A. (1999). 'Linearização, cognição, referência: o desafio do hipertexto', *Línguas e Instrumentos Lingüísticos*, 3: 21-46. Campinas
- MARCUSCHI, L.A. (2000). 'Gêneros textuais: o que são e como se constituem'. Recife (mimeo).
- MARCUSCHI, L.A. (2001). 'O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula', *Linguagem & Ensino*, 4 (1): 79-112. Pelotas

DÓRIS DE ARRUDA C. DA CUNHA é doutora em Ciências da Linguagem pela Université de Paris V (1990), professora da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Tem como temas de pesquisas: discurso reportado, heterogeneidade enunciativa, vozes e gêneros discursivos na mídia, interação, dialogismo. Faz parte do *Núcleo de Estudos Lingüísticos da Fala e da Escrita*, criado por Luiz Antônio Marcuschi, do *NURC-Recife* e do *Ci-Dit, Groupe international et interdisciplinaire de recherche sur le discours rapporté* ([www.ci-dit.com](http://www.ci-dit.com)).

Correo electrónico: [dorisarruda@terra.com.br](mailto:dorisarruda@terra.com.br)